



**ORGANIZAÇÃO
INTERNACIONAL
DO CAFÉ**

ICC 116-4

17 fevereiro 2016

Original: inglês

P

Conselho Internacional do Café
116.ª sessão
9 – 11 março 2016
Adis Abeba, Etiópia

**Cafeicultores do futuro — o desafio da
substituição das gerações nas zonas rurais dos
países africanos**

Antecedentes

Nos termos do Artigo 34 do Acordo Internacional do Café de 2007, a Organização Internacional do Café deve fornecer aos Membros estudos e relatórios sobre aspectos relevantes do setor cafeeiro. Este documento contém um estudo sobre os cafeicultores do futuro e o desafio da substituição das gerações nas zonas rurais dos países africanos.

Ação

Solicita-se ao Conselho que tome nota deste documento.

CAFEICULTORES DO FUTURO

O DESAFIO DA SUBSTITUIÇÃO DAS GERAÇÕES NAS ZONAS RURAIS DOS PAÍSES AFRICANOS

I. Introdução

1. Enquanto na maioria dos países produtores de café os pequenos cafeicultores envelhecem, os jovens se mostram cada vez menos inclinados a seguir os passos de seus pais e se engajar na cafeicultura. No entanto, a juventude rural, que frequentemente é mais instruída e mais empreendedora que a geração anterior, é vista como o motor potencial de mudanças no setor agrícola. É mais provável, por exemplo, que os jovens adotem inovações tecnológicas e implementem técnicas agrícolas modernas que são cruciais para o incremento da produtividade no setor cafeeiro. Isso é particularmente verdadeiro à luz de novos desafios enfrentados pelo setor como, por exemplo, as mudanças climáticas. Daí haver preocupação no setor com a ausência de uma nova geração de jovens cafeicultores, que poderá afetar negativamente a oferta de café de alta qualidade.

2. Embora haja um corpo crescente de literatura sobre a substituição das gerações nas zonas rurais, até agora não há estudos específicos sobre o setor cafeeiro. O propósito deste estudo é passar em revista e discutir constatações que se evidenciam no contexto do setor, pondo especificamente em relevo países selecionados da África subsaariana.

3. Este estudo lança luz sobre fatores econômicos e sociais do presente e do futuro que fazem a agricultura em geral e a produção de café em particular menos atraentes do que outras atividades que geram renda nas zonas rurais ou urbanas. Ele examina a importância dos jovens como agentes de transformações para modernizar o setor agrícola. Por último, o estudo examina as medidas necessárias para tornar a cafeicultura mais atraente para os jovens e para tirar lições do que se observa em outros setores agrícolas.

II. A transformação demográfica e econômica da África subsaariana

4. O continente africano hoje atravessa uma transformação demográfica caracterizada por taxas de crescimento populacional que estão entre as mais altas do mundo. Estima-se que em 2050 a população do continente terá dobrado, alcançando 2,5 bilhões, ou 25% da população mundial (Nações Unidas, 2015). Os países africanos abrigam não só a população de crescimento mais rápido, como também a população mais jovem, pois 70% de seus habitantes têm idade inferior a 30 anos (UNICEF, 2008). Desde a década de 60 a tendência do continente é à urbanização, e estima-se que em 2030 mais de dois terços de sua população estará vivendo em áreas urbanas ou periurbanas (Nações Unidas, 2014).

5. Além dessa extraordinária dinâmica demográfica, na última década a África também passou por grande desenvolvimento econômico. Dados do Banco Mundial indicam que, entre 2005 e 2014, o aumento anual médio do PIB no continente foi de 10,7%, superando as taxas da década anterior. No último quinquênio, o crescimento anual do PIB da Etiópia, Tanzânia e Uganda variou de 5 a 10%. Até agora, grande parte do crescimento econômico ocorreu sem a industrialização que se viu em outros continentes. A economia além disso se caracteriza por alto grau de informalidade, pois o emprego de 9 em cada 10 trabalhadores rurais e urbanos é de natureza informal. O setor informal responde por 55% do PIB nos países da África subsaariana (Banco Africano de Desenvolvimento, 2013). Em resultado, o crescimento econômico não se traduziu em emprego generalizado. As taxas de subemprego ou desemprego se mantêm altas, especialmente entre os jovens (Banco Mundial, 2009). Além da exportação de recursos naturais, as economias ainda dependem muito da agricultura, que, conforme os dados do Banco Mundial, continua a ser a mais importante fonte de renda e a empregar mais de 60% da força de trabalho de países como a Etiópia, a Tanzânia e Uganda.

6. A agricultura continua a ter importância estratégica para o desenvolvimento das economias. Com a alta dos níveis de renda, o consumo interno passa a se concentrar em produtos agrícolas de valor elevado, abrindo novas oportunidades para os produtores locais (FAO, 2014). Ao mesmo tempo, a demanda global por produtos agrícolas continua a crescer. Prevê-se, por exemplo, que, se as atuais taxas de crescimento se mantiverem, em 2025 a demanda por café poderá exceder em 35 milhões de sacas seu nível atual, de 150 milhões. O setor agrícola, portanto, oferece perspectivas de futuro, apesar de muitos problemas estruturais que hoje entravam significativamente seu desenvolvimento.

III. Por que os jovens se inclinam menos a buscar um futuro na agricultura?

7. Não obstante as oportunidades que o setor agrícola proporciona, a juventude está-se tornando menos interessada em buscar um futuro na agricultura. Pesquisas sociológicas sugerem que, na percepção de grande parte dos habitantes das zonas rurais dos países africanos, a agricultura está ligada a baixos retornos econômicos, alta concentração de mão de obra e trabalho exageradamente árduo, devido a uma mecanização ainda limitada. Além disso, a infraestrutura de transportes e comunicações nas áreas rurais é relativamente pobre, em comparação com a das aglomerações urbanas, limitando a vida social dos jovens. Uma vida com base na agricultura, portanto, não está em sintonia com as aspirações dos jovens, que em média têm um nível educacional mais alto do que seus pais e que, através do uso da mídia e da tecnologia da informação, estão mais expostos a informações sobre os modernos estilos de vida urbanos (Anyidoho et al., 2012; Tadele e Ayalew, 2012; White, 2012).

8. Na maioria das zonas rurais da África subsaariana, os meios de vida são relativamente diversos, pois as famílias do campo não dependem só da agricultura. Atividades não agrícolas trazem renda adicional, frequentemente gerando capital circulante para a produção agrícola e a criação de animais. A diversificação da renda também é importante para a gestão de riscos agrícolas como, por exemplo, os relacionados com os choques climáticos. Como frequentemente o emprego fora das propriedades agrícolas é limitado, a migração (sazonal) aos centros urbanos se torna cada vez mais importante (Barrett et al. 2001).

9. Os fatores que levam à decisão de migrar em geral são uma combinação da falta de oportunidades nas zonas rurais (fatores de dissuasão) e da demanda por mão de obra nas zonas urbanas (fatores de atração). Os fatores de dissuasão afetam sobretudo os pobres rurais e estão ligados a sua incapacidade de ganhar a vida através de atividades agrícolas ou outras atividades rurais. Em princípio a geração jovem está bem posicionada quando possui em média um nível mais alto de educação formal e uma mentalidade mais empreendedora do que seus pais, mas diversas limitações persistem, pois com frequência os jovens se veem diante de obstáculos que afetam desproporcionalmente seu acesso a recursos financeiros e a terras. Uma dificuldade específica é que seus conhecimentos básicos sobre finanças costumam ser inferiores aos das gerações mais velhas (Xu e Zia, 2012). Além disso, nas áreas em que as terras aráveis já estão ocupadas pelos cultivadores (isto é, onde não há outras para cultivo), os pais se tornaram a principal fonte de terrenos agrícolas, como se pode observar, por exemplo, em partes da Etiópia. Contra o pano de fundo de taxas de crescimento populacional elevadas e de pequenas propriedades em poder dos progenitores, as terras que é possível obter por herança ou como presente costumam ser de área demasiado pequena para garantir um meio de vida para os jovens do campo, e isso no final desencadeia um processo migratório (Bezu e Holden, 2014).

10. Os fatores de atração, por outro lado, se estendem aos jovens de famílias bem posicionadas e ricas em terras, que possuem melhor educação e aspiram por acesso a emprego assalariado com melhores retornos econômicos (Bezu e Holden, 2014). A interação dos fatores de dissuasão e atração fazem da migração do campo para os centros urbanos uma parte essencial das estratégias de subsistência dos jovens das zonas rurais (Banco Mundial, 2012).

11. Quando os jovens deixam as vilas e se mudam para as cidades, a média etária da população rural restante sobe. Dados recentemente disponibilizados pelo Banco Mundial sobre três diferentes países produtores no Leste da África – a Etiópia, a Tanzânia e Uganda – revelam que nas zonas rurais os chefes de família em média tendem a ser mais velhos que seus pares nas zonas urbanas (quadro 1). O conjunto desses dados, que se baseia em uma amostra representativa da população de cada um dos três países, também permite identificar

os cafeicultores. Por isso também se examina a possível existência de uma diferença estrutural entre os cafeicultores no tocante à idade. A análise mostra um quadro misto: na Tanzânia e em Uganda os chefes de famílias que produzem café são em média 5 a 6 anos mais velhos do que os que não cultivam, mas na Etiópia não se pôde observar uma diferença. Com base nessa evidência empírica, conclui-se com cautela que na cafeicultura a presença de agricultores em processo de envelhecimento é mais pronunciada do que em outros subsetores agrícolas.

Quadro 1: Média etária dos chefes de família rurais e urbanos em três países da África

País	Zonas urbanas		Zonas rurais (famílias não ligadas ao café)		Zonas rurais (famílias ligadas ao café)	
	N.º	Idade	N.º	Idade	N.º	Idade
Etiópia	691	44,05	2.102	46,42 ^a	923	46,68 ^a
Tanzânia	1.786	42,34	2.988	46,61 ^a	230	51,29 ^{ab}
Uganda	549	44,98	1.751	45,05	496	51,09 ^b

^a Indica uma diferença estatisticamente significativa entre a população urbana e os grupos de referência (nível de confiança de 95%).

^b Indica uma diferença estatisticamente significativa entre as famílias que produzem café e outras famílias rurais (nível de confiança de 95%).

Nota: A análise se baseia em dados do projeto LSMS-ISA do Banco Mundial: onda de 2010-11 (Etiópia); onda de 2010-11 (Uganda); onda de 2011-12 (Tanzânia).

12. Embora muitos estudos apontem para um crescente desinteresse dos jovens rurais pela agricultura (por exemplo, White, 2012), alguns também indicam que a percepção que se tem da agricultura tem melhorado em certos países. Tadele e Ayalew (2012), por exemplo, constatam que na Etiópia o setor agrícola passa por mudanças e modernização e que isso leva a maior produtividade e melhores padrões de vida das famílias rurais. Essa novidade também se traduz em uma percepção mais positiva da desejabilidade da agricultura. O que esses autores constatam é compatível com a opinião de que os retornos econômicos da agricultura e da cafeicultura estão positivamente correlacionados com o status social e, portanto, com a desejabilidade da agricultura como meio de vida.

IV. Implicações do envelhecimento dos cafeicultores para a produção de café e valor dos jovens no setor cafeeiro

13. Considerando os baixos retornos econômicos e status social da agricultura, não surpreende que os jovens do campo explorem outras opções de subsistência. No entanto, seu possível desinteresse pela agricultura (cafeicultura) e por um futuro nas zonas rurais pode ter implicações negativas para o desenvolvimento dos subsetores agrícolas, entre os quais o do café.

14. Os jovens funcionam como importantes agentes das transformações. Há um corpo de literatura bem estabelecido que aponta para a maior propensão da juventude a adotar inovações técnicas e implementar novas técnicas de produção. Isso em parte se deve ao fato de que os agricultores jovens costumam ter menos receio de riscos que os mais velhos. Eles também são capazes de amortizar os custos dos investimentos, bem como os de aprendizagem, durante períodos mais longos, e isso é particularmente relevante quando se trata de culturas arbóreas como a do café (Wakeyo e Gardebroek, 2013; Bravo-Monroy et al., 2016).

15. Por conseguinte, quando a juventude não está presente como catalisadora de transformações, as inovações demoram mais para chegar ao setor. A adoção protelada de novas tecnologias resulta em ineficiência econômica. Contrastando com um cenário em que as inovações se multiplicam com rapidez, a adoção protelada resulta em menor produtividade em todo o setor. Essa dinâmica não se aplica apenas à cafeicultura, mas também a outras culturas, exemplificadas nos setores cacauzeiros dos Camarões e de Gana (Anyidoho et al., 2012; Reuters, 2014). Propriedades menos produtivas, além disso, entram o desenvolvimento rural em sentido mais amplo, especialmente no contexto da importância estratégica do setor agrícola.

16. Diante de novos desafios, o efeito da adoção limitada de novas tecnologias pode ser ainda pior. A capacidade de inovar é cada vez mais importante, pois o impacto das mudanças climáticas se torna mais visível, representando uma séria ameaça à produção cafeeira. Estudos demonstram que fatores como a elevação das temperaturas, o crescimento das pressões trazidas pelas pragas e a maior frequência dos choques climáticos exigem respostas a nível das propriedades. Os agricultores precisam se adaptar a um ambiente em mudança, adotando novas tecnologias e, inclusive, variedades novas e mais resistentes, bem como práticas avançadas de manejo das lavouras. A probabilidade de adoção entre os jovens agricultores com níveis educacionais mais altos é maior (Zuluaga et al. 2015).

V. Como enfrentar o desafio da substituição das gerações nas zonas rurais e conseguir um engajamento cada vez maior dos jovens no setor cafeeiro

17. A questão da mudança das gerações afeta a maioria dos subsectores agrícolas de forma semelhante. O fator chave para o envolvimento da juventude no setor agrícola em geral e no setor cafeeiro em particular é o aumento da atratividade do setor como estratégia de subsistência. Os níveis de renda realizados precisam capacitar os jovens agricultores a investir em seu próprio futuro e no de seus filhos. Conseguindo-se isso, o envolvimento com a agricultura se tornará uma opção viável para a juventude urbana.

18. Para tanto, a viabilidade econômica da cafeicultura em relação à de outras culturas agrícolas ou atividades não agrícolas que geram renda precisa aumentar. Um ambiente de negócios mais favorável precisa ser criado nas zonas rurais através do enfrentamento de limitações à agricultura que existem há muito. Ao mesmo tempo, se necessário, atenção específica precisa ser dada aos fatores que afetam desproporcionalmente a juventude.

19. Em específico, a infraestrutura de transportes e comunicações precisa ser atualizada para tornar mais fácil o acesso aos mercados e às informações, desta forma beneficiando diretamente os pequenos produtores. Também o financiamento pelo poder público de atividades de pesquisa e desenvolvimento – por exemplo, de variedades de café melhor adaptadas ao impacto das mudanças climáticas – deve ser examinado, especialmente em vista dos altos retornos econômicos de 40 a 60% (Alston et al., 2000). Instituições que comumente são fracas nas zonas rurais precisam ser fortalecidas, a fim de aumentar a eficiência de mercado (Saenger et al. 2014).

20. Além disso, é preciso melhorar a educação básica por meio de melhores escolas nas zonas rurais, pois isso também enfatizaria o valor da agricultura. Os níveis de aptidão dos que trabalham nas propriedades agrícolas precisam ser elevados pela provisão de serviços de extensão eficazes, facilitando a difusão de melhores métodos de produção.

21. Da mesma forma, o lado financeiro precisa ser melhorado, pois os jovens continuam a ter pouco acesso a serviços bancários (Xu e Zia, 2012). Programas específicos para melhorar os conhecimentos básicos dos jovens sobre finanças são um passo importante, já que a modernização das lavouras requer investimentos. Como o café é uma cultura arbórea que exige longos ciclos de investimento, é preciso pôr ao alcance dos cafeicultores tanto instrumentos para arcar com custos imediatos quanto estratégias para mitigar os riscos de preços.

22. Finalmente, o acesso dos jovens a terras precisa ser ampliado, através da transmissão mais fácil das propriedades agrícolas via sucessão e da criação de mercados de arrendamento eficientes. Exemplos da Colômbia mostram que, na falta de políticas sociais eficazes, a iniciativa privada pode ajudar a fortalecer a poupança pelos agricultores mais velhos, possibilitando sua aposentadoria no momento certo e sua sucessão em benefício das gerações mais novas (The Guardian, 2014).

VI. Conclusão

23. Embora a agricultura continue a ter importância estratégica para a maior parte dos países, diversas limitações afetam negativamente seus níveis de produtividade e, assim, de rentabilidade. A renda agrícola baixa e volátil resultante pode se traduzir em uma desvalorização social da agricultura, especialmente aos olhos de uma juventude mais instruída e mais orientada para o empreendedorismo.

24. Contra esse pano de fundo, não surpreende que a opção da agricultura como meio de vida esteja se tornando menos atraente para os jovens habitantes das zonas rurais. A falta de jovens com interesse pela agricultura pode ter um impacto negativo sobre o setor. A juventude é um importante agente de transformações no meio rural que podem conduzir à modernização da agricultura. A evidência empírica proveniente de três países africanos sugere que os habitantes dos centros urbanos em média são mais jovens que seus pares rurais. Os chefes de família da cafeicultura em média são mais velhos do que o restante da população rural. Com isso, embora o problema das gerações pareça típico das zonas rurais, o setor cafeeiro aparentemente é mais afetado pelo envelhecimento dos agricultores. Pesquisas mais aprofundadas são necessárias para identificar os fatores que induzem este padrão demográfico.

25. A resposta ao declínio da relativa atratividade da agricultura como opção de vida deveria incluir uma abordagem ampla da questão da melhoria da produtividade agrícola para gerar maiores retornos econômicos. Mediante investimentos infraestruturais, capacitação, melhor acesso a finanças e terras, é preciso criar um ambiente que conduza à agricultura. É preciso tomar algumas medidas específicas, centradas na natureza do café como cultura arbórea, para ampliar a relativa rentabilidade e, portanto, a atratividade da cafeicultura no contexto de outras atividades agrícolas.

Bibliografia

African Development Bank (2013). Recognising Africa's informal sector. AfDB Blog article. <http://www.afdb.org/en/blogs/afdb-championing-inclusive-growth-across-africa/post/recognizing-africas-informal-sector-11645/>

Anyidoho, N. A., J. Leavy, and K. Asenso-Okyere (2012). Perceptions and aspirations: a case study of young people in Ghana's cocoa sector. *IDS Bulletin* 43(6), p. 20–32

Barret, C.B., T. Reardon, P. Webb (2001). Nonfarm income diversification and household livelihood strategies in rural Africa: concepts, dynamics, and policy implications. *Food Policy*, 26 (4), 315–331

Bezu, S, and S. Holden (2014). Are rural youth in Ethiopia abandoning agriculture? *World Development* 64, p. 259–272

Bravo-Monroy, L., S.G. Potts, and J. Tzanopoulos (2016). Drivers influencing farmer decisions for adopting organic or conventional coffee management practices. *Food Policy* 58(1), p. 49–61

FAO (2014). African youth in agribusiness and rural development. Paper prepared for the 28th Session of the FAO Regional Conference for Africa, March 24-28, 2014, Tunis, Tunisia. <http://www.fao.org/docrep/meeting/030/mj565e.pdf>

Reuters (2014). Ageing farmers, low-yield crops hurt Cameroon's cocoa ambitions. <http://www.reuters.com/article/us-cameroon-cocoa-output-analysis-idUSKBN0EK13P20140609>

Saenger, C., M. Torero, and M. Qaim (2014). Impact of third-party enforcement in agricultural markets – a field experiment in Vietnam. *American Journal of Agricultural Economics*, 96(4), 1220–1238

Tadele, G., and A. Ayalew (2012). “Last resort and often no option at all”: youth, education and farming as a livelihood in Ethiopia. *IDS Bulletin* 43(6), p. 33–43

The Guardian (2014). Helping Colombian coffee farmers look forward to retirement. <http://www.theguardian.com/a-shot-of-sustainability/2015/dec/23/helping-colombian-coffee-farmers-look-forward-to-retirement>

UNICEF (2008). The State of African Children 2008: Child Survival. UNICEF Report. http://www.unicef.org/publications/index_44410.html.

UN (2014). World Urbanization Prospects. <http://esa.un.org/unpd/wup/Publications/Files/WUP2014-Highlights.pdf>

UN (2015). World Population Prospects – Key Findings and Advance Tables. http://esa.un.org/unpd/wpp/publications/files/key_findings_wpp_2015.pdf

Wakeyo, M.B., and K. Gardebroek (2013). Does water harvesting induce fertilizer use among smallholders? Evidence from Ethiopia. *Agricultural Systems* 114, p. 54–63

White, B. (2012). Agriculture and the generation problem: rural youth, employment, and the future of farming. *IDS Bulletin* 43(6), p. 9–19

World Bank (2009). Africa Development Indicators 2008/09 – Youth and Employment in Africa. <http://siteresources.worldbank.org/INTSTATINAFR/Resources/ADI-200809-essay-EN.pdf>

World Bank (2012). World Development Report 2013: Jobs. http://econ.worldbank.org/external/default/main?contentMDK=23044836&theSitePK=8258025&piPK=8258412&pagePK=8258258&cid=EXT_FBWPubs_P_EXT

Xu, L. and B. Zia (2012). Financial Literacy around the world: An overview of the evidence with practical suggestions for the way forward. World Bank Policy Research Working Paper No. 6107. <http://ssrn.com/abstract=2094887>

Zuluaga, V., R. Labarta, and Peter Laederach (2015). Climate change adaptation: the case of the coffee sector in Nicaragua. Selected paper prepared for presentation at the 2015 Agricultural & Applied Economics Association and Western Agricultural Economics Association Annual Meeting, San Francisco, CA, July 26-28. http://ageconsearch.umn.edu/bitstream/205875/2/Zuluaga_Labarta_Laderach_2015R.pdf